

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT17.016

DINHEIRO E ALIENAÇÃO SOCIAL NA NOVELA A ÁRVORE QUE DAVA DINHEIRO, DE DOMINGOS PELLEGRINI

Clarice Calista Dutra¹
Manoel Freire Rodrigues²

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura da novela *A árvore que dava dinheiro*, de Domingos Pellegrini, e tem por objetivo analisar a noção de felicidade atrelada ao dinheiro na referida novela a partir da teoria literária de orientação marxista. Entendendo-se a literatura como uma forma de humanização, conforme considera Antonio Candido, neste trabalho intenciona-se estabelecer uma relação entre a obra literária e a formação do sujeito através da discussão sobre o processo de alienação social pelo dinheiro na obra em estudo. Objetiva-se, também, analisar como este processo está representado na narrativa, conduzindo os personagens a buscarem, obstinadamente, a autorrealização através da súbita ascensão econômica. Nesta perspectiva, o desenvolvimento da pesquisa teve como aporte teórico os estudos dos autores: Candido (1972, 2010, 2011); Cosson (2021); Durão (2020); Fromm (1983); Giannetti (2002); Lipovetsky (2007); Marx (2013); Marcuse (1981) e Minois (2011). Verificou-se que os personagens da novela *A árvore que dava dinheiro* representam a alienação social decorrente do dinheiro, a qual é fortemente constatada na civilização ocidental capitalista. Com efeito, a narrativa reforça este aspecto ao mostrar como o maior poder de compra transforma a vida outrora modesta destes personagens. Assim, estes são instigados a consumirem desenfreadamente como forma de atender aos seus apelos hedonistas e alcançarem a felicidade. Todavia, esse ideal de felicidade

1 Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, clarice_calista@hotmail.com;

2 Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, professor de literatura brasileira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade, E-mail: manoelfrr@gmail.com.

permanente é inatingível ao ser humano, tendo em vista seu caráter nato de incompletude e insatisfação, que se configura na obra em estudo por meio da experiência dos personagens, cujo desejo contínuo de ter mais dinheiro e acessar novas experiências que lhes proporcionem prazer revela o caráter alienante do capitalismo, aspecto que a obra literária desvela e desmistifica, cumprindo assim a sua função humanizadora, conforme a formulação de Antonio Candido.

Palavras-chave: Dinheiro, Alienação, Autorrealização, Literatura, Humanização.

INTRODUÇÃO

Em sua análise acerca do caráter humanizador da literatura, Candido (2011) a percebe como o processo que confirma no homem aqueles traços que consideramos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a habilidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a consciência da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Nesta perspectiva, a literatura aperfeiçoa a quota de humanidade na medida em que torna os sujeitos mais compreensivos e acessíveis para a natureza, a sociedade, o semelhante. Sob esta ótica, o texto literário mostra-se um instrumento de representação e crítica da sociedade, atribuindo visibilidade aos dilemas, lacunas e desigualdades que a cercam, sensibilizando e humanizando o leitor.

Desta maneira, conforme explica George Minois (2011) em todas as civilizações, os primeiros traços escritos de que se tem conhecimento até a atualidade mencionam a felicidade. Desde que o ser humano teve consciência de sua condição, ele constatou sua infelicidade e suas limitações. Diante desta realidade, o homem evidenciou o seu desejo por um mundo melhor, ou seja, uma vida sem sofrimentos.

Considerando-se que desde as sociedades mais remotas o homem tem se dedicado a construir uma trajetória de negação ao sofrimento, a felicidade é um tema que desperta a atenção de todos e, portanto, é abordado também na literatura. Sendo assim e, considerando essa tendência nata do ser humano em buscar o prazer e negar a infelicidade trata-se de um assunto que comumente gera debates intensos sobre a condição humana, sobre os limites da autorrealização bem como os caminhos que as pessoas percorrem para alcançá-la.

Isto posto, este debate se justifica em razão de ser inegável a relação entre a discussão do conceito de felicidade e a humanização do leitor uma vez que o tema proposto promove não apenas uma reflexão sobre este conceito, mas também sobre como e por quais razões o dinheiro, quer seja pela via do consumo, quer seja pelo prestígio social que concede aos sujeitos, tende a estar atrelado às pessoas autorrealizadas.

Desta forma, este artigo tem como objetivo geral estabelecer uma relação entre a obra literária e a formação do sujeito através da discussão sobre o

processo de alienação social pelo dinheiro na obra *A árvore que dava Dinheiro*, de Domingos Pellegrini.³ Com efeito, destacam-se como objetivos específicos: analisar como o súbito progresso econômico e o consumismo conduzem os personagens a uma busca desenfreada pela autorrealização e investigar como a novela *corpus* de estudo aborda o caráter efêmero da felicidade.

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa para a qual se buscou definir e aprofundar os conceitos de felicidade, consumismo, dinheiro e alienação, bem como abordar a humanização do leitor através do texto literário. Para tanto, foi selecionado como aporte teórico os estudos de autores como: Candido (1972, 2010, 2011); Durão (2020); Fromm (1983); Marx (2013), dentre outros.

Os resultados obtidos indicam que os personagens da novela *A árvore que dava dinheiro* são alienados pelo dinheiro representando, assim, um simulacro da sociedade ocidental capitalista. Esse aspecto é retratado pela narrativa na medida em que o maior poder de compra passa a transformar o *modus operandi* dos felices. Sendo assim, quanto mais dinheiro os personagens têm em mãos, mais consumistas se tornam e, conseqüentemente, alienados.

Observou-se, pois, que nesta dinâmica, o dinheiro é o grande potencializador da sensação de felicidade que é acessada pela via do consumismo. No entanto, percebe-se que a narrativa mostra uma quebra de expectativa uma vez que a conquista de mais dinheiro e inúmeros e diferentes bens materiais não proporciona aos personagens uma felicidade plena, posto que esse sentimento é efêmero em sua essência, independente do poder de compra dos sujeitos.

Encontra-se, pois, nessa leitura profícua sobre os conceitos de dinheiro, felicidade e alienação uma possibilidade de sensibilizar, provocar e instigar o leitor a questionar-se sobre sua própria condição humana diante do sofrimento, da vida, do dinheiro e de como o posicionamento diante destes pode frustrar ou não o ser humano. Com isso, o texto literário tem um caráter fortemente humanizador, conforme discorre Candido, ao mesmo tempo em que assume um tom de denúncia e ironia aos dilemas da sociedade do capital.

3 Este estudo resulta de um recorte da dissertação “A noção de felicidade atrelada ao dinheiro: uma análise da novela *A árvore que dava dinheiro*, de Domingos Pellegrini” cujo objetivo foi analisar a noção de felicidade atrelada ao dinheiro na novela citada pautada na teoria literária de orientação marxista. A pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, na modalidade Demanda Social, no período de agosto de 2022 a julho de 2023, 12 (doze) meses.

Este artigo está dividido em quatro seções, sendo a primeira delas a introdução contendo a apresentação geral do tema e a delimitação do estudo. Subsequentemente, apresentar-se-á a metodologia com os dados referentes aos caminhos metodológicos escolhidos para a sua produção; na terceira seção constam os resultados e discussões com a problematização dos conceitos e a análise do texto literário e, por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

Para a construção deste estudo elencou-se a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Foram tomados como aporte teórico, estudos de autores como: Candido (1972, 2010, 2011); Cosson (2021); Durão (2020); Fromm (1983); Giannetti (2002); Lipovetsky (2007); Marx (2013); Marcuse (1981) e Minois (2011) que forneceram conceitos-base acerca da Literatura e seu caráter humanizador, bem como sobre o processo de alienação social através do dinheiro a partir de uma leitura cerrada da narrativa escolhida para análise.

Com efeito, as reflexões aqui detalhadas estão baseadas na crítica literária de orientação marxista, com autores como Karl Marx, Herbert Marcuse e Erich Fromm no que concerne à discussão sobre o capital, poder de compra, alienação, dentre outros conceitos pertinentes ao estudo. Também integram o aporte teórico, as pesquisas de filósofos e estudiosos da felicidade, a exemplo de Gilles Lipovetsky e George Minois e do Economista, Eduardo Giannetti. Para respaldar o debate sociológico, foram elencados estudos do crítico Antonio Candido com ensaios e obras que contemplam a relação entre o texto literário e os aspectos sociais, bem como as possíveis influências destes textos na humanização do leitor. Conta-se, ainda, com a pesquisa de Rildo Cosson acerca do Letramento Literário, enfatizando a importância do ensino da Literatura haja vista sua amplitude de funções e significações.

Desta forma, para a coleta de dados priorizou-se o banco de dados oficial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, bem como os livros impressos dos estudiosos referenciados. Para o desenvolvimento da pesquisa, realizou-se uma leitura cerrada dos conceitos bem como da obra literária em estudo, observando-se como a narrativa dialoga com as definições estudadas representando-as ou negando-as, reproduzindo ou desconstruindo aspectos sociais, históricos, filosóficos e culturais acerca do dinheiro e sua relação com a alienação nas sociedades ocidentais capitalistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1 DINHEIRO, ALIENAÇÃO E SOCIEDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O *Capital* é a obra mais importante de Karl Marx e abarca uma análise das relações econômicas, com ênfase ao capitalismo e suas particularidades, abordando, inclusive, conceitos pertinentes para a pesquisa aqui apresentada, como a alienação dos sujeitos.

Com efeito, após o processo de industrialização ocorrido na Europa, o trabalho humano passou a ter nova significação. Assim, Marx discute acerca do surgimento do proletariado e da classe trabalhadora assalariada, pontuando, inclusive, os protestos realizados contra a classe burguesa do século XIX.

Segundo Marx (2013), o trabalho humano parte da ação do homem de modificar a natureza a partir de suas necessidades. Logo, o trabalho consiste em um processo entre o homem e a natureza, processo através do qual o homem, por sua própria ação, media, regula e controla o seu metabolismo com a natureza. Desta forma, ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural.

Sob a ótica citada, para atender às suas necessidades basilares, o ser humano age transformando a natureza, ou seja, gerando o trabalho. Logo, a matéria natural desponta nesse processo como uma força natural, que será modificada pela ação humana para atingir os mais diversos fins.

Nesse contexto, Marx (2013) observa que o ouro tem como primeira função fornecer às mercadorias o material para exprimirem o valor ou em representar os valores como grandezas que possuem a mesma denominação, qualitativamente semelhantes e quantitativamente comparáveis. Logo, desempenha a medida universal dos valores, e só através dessa função do ouro a mercadoria equivalente específica se transforma em dinheiro.

Ora, entende-se a partir desta ótica que a mercadoria se refere a cada bem útil cujo valor é medido pela sua utilidade. Tal valor, portanto, é deduzido quantitativamente. Marx (2013) indica, ainda, que o valor de um determinado bem se dá, essencialmente, pela quantidade de tempo de trabalho empregada na sua produção. Por conseguinte, “o dinheiro, como medida do valor, é a força necessária para manifestar-se a medida imanente do valor das mercadorias, o tempo de trabalho.” (Marx, 2013, p. 121).

Nessa perspectiva, o valor, ou seja, a quantidade de trabalho humano implicada, por exemplo, numa tonelada de ferro, é expresso numa quantidade imaginária da mercadoria ouro, que encerra quantidade igual de trabalho. Marx (2013) conclui que, conforme seja a medida do valor, o ouro, a prata ou o cobre, o valor da tonelada de ferro é expresso por preços completamente diversos, ou é representado por quantidades igualmente distintas de ouro, prata ou cobre.

De acordo com Marx (2013), o dinheiro é a mercadoria que serve para mensurar o valor e, de forma direta ou por meio de representante, serve de meio de circulação. Dessa maneira, o ouro ou prata são dinheiro.

Para entender o processo de alienação dos sujeitos, é oportuno discutir o conceito de fetichismo da mercadoria abordado por Marx. Trata-se de uma tentativa do autor para descobrir o que ocorre nas relações de produção.

O fenômeno do fetichismo descrito por Marx diz respeito, pois, ao fato de que a mercadoria, quando pronta, não possuía o real valor de venda. Este valor, por sua vez, era mensurado pela quantidade de trabalho realizado. Ocorre que era atribuído à mercadoria um valor de venda irreal, fator que culminava com a perda da relação com o trabalho.

Dessa sorte, a mercadoria:

[...] É misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho [...] (Marx, 2013, p.94).

O fato é que, nesse processo, conforme analisa Marx (2013), a mercadoria (produto) passa a ser tida como algo externo ao trabalhador, gerando, com isso, a sua alienação. Para o autor, a alienação diz respeito a uma separação social do trabalho segregando as pessoas em dois grupos: os que direcionam e os que realizam o trabalho. Dentro desse contexto, o trabalhador é impelido a suprir as necessidades essenciais, como alimentar-se, vestir-se, dentre outras, as quais são cruciais para sua sobrevivência.

É oportuno observar o conceito de alienação trazido por Erich Fromm (1983). O autor parte do pressuposto de que a alienação é um distanciamento entre o homem e aquilo por ele criado. Tal condição impede a emancipação do ser humano no mundo que o cerca e do qual faz parte.

Tal concepção dialoga com a percepção marxista, mostrando que a alienação reifica a existência humana, impedindo a construção da autonomia e a atuação efetiva no âmbito da sociedade. Fromm (1983) estabelece uma relação entre a alienação e o conceito de idolatria. Segundo este:

A essência do que era chamado 'idolatria' pelos antigos profetas não está em o homem adorar muitos deuses em vez de um único. Está em os ídolos serem a obra das mãos do próprio homem — eles são coisas, e no entanto o homem curva-se ante elas e as reverencia; adora aquilo que ele mesmo criou. Ao fazê-lo ele se transforma em coisa. Transfere às coisas de sua criação os atributos de sua vida, e, em vez de experimentar-se como pessoa criadora, só entra em contato consigo mesmo através da adoração do ídolo. Ele se alheou às forças de sua própria vida, à riqueza de suas próprias potencialidades, e só entra em contato consigo mesmo de maneira indireta, e submetendo-se à vida congelada nos ídolos (Fromm, 1983, p. 51).

Sob a ótica supracitada, vê-se que a idolatria aliena os sujeitos na medida em que os coloca em situação de subordinação ante o objeto idolatrado. Assim sendo, aliena-se o homem, gerando uma supervalorização das coisas e uma negação e indiferença ante a sua própria força criadora. Os objetos, nesse caso, passam a ter mais valor que o próprio trabalho realizado para criá-los. Fromm (1983) argumenta que esses "ídolos" podem assumir várias faces: um Deus, o Estado, a Igreja, aquisições, etc. E é comum que a pessoa idólatra (e alienada) mude o objeto de adoração.

Com efeito, essa perspectiva defendida por Fromm pode ser evidenciada no âmbito da sociedade consumista, subordinada e influenciada pelo dinheiro. Nessa sociedade, os "ídolos" são vários e a reificação dos sujeitos é evidente, transformando-os em escravos das coisas que produzem e adquirem. Assim sendo, o cerne da sociedade capitalista e consumista é formado por sujeitos alienados.

Ainda sobre a alienação e em consonância com o pensamento marxista, Fromm afirma que:

Para Marx, o processo de alienação manifesta-se no trabalho e na divisão do trabalho. O trabalho é, para ele, o relacionamento ativo do homem com a natureza, a criação do próprio homem (...). Com a expansão da propriedade privada e da divisão do trabalho, todavia, o trabalho perde sua característica de expressão do poder do homem; o trabalho e seus produtos assumem uma exis-

tência à parte do homem, de sua vontade e de seu planejamento (Fromm, 1983, p. 53).

Para que se possa promover a superação desse ciclo, é preciso repensar os modos de produção capitalista. Estes causam a escravização do trabalhador, que, na busca pelo dinheiro e pela posse das coisas, distancia-se de si mesmo. O universo do capitalismo e da alienação imputa aos sujeitos “não só o mundo das coisas que se torna superior ao homem, mas também as circunstâncias sociais e políticas por ele criadas se tornam seus senhores.” (Fromm, 1983, p.57).

Assim como Fromm (1983), Marcuse (1981) corrobora os contributos de Marx (2013) e reforça seu posicionamento ao falar acerca do “trabalho exteriorizado”. Marcuse relata que o que define esse trabalho não se limita à situação econômica, caracterizando-se a alienação da vida humana. Na dinâmica capitalista, o homem é um sujeito econômico, porém essa condição o conduz à coisificação. É preciso, pois, levá-lo à condição de sujeito ativo na construção da sua autonomia.

Para Marcuse (1981), o trabalho, em vez de uma expressão humana, torna-se exteriorização. Ao invés de plena e livre realização do homem, termina por se transformar em desrealização. Partindo dessa ótica, o trabalho, ao invés de promover a plenitude do trabalhador, a partir de sua criação, termina por coisificá-lo.

O discurso dos autores reforça que no capitalismo o homem é visto a partir do seu potencial produtivo uma vez que é através de seu trabalho que ele alimenta o sistema do capital. Neste sentido, esse próprio sistema explora e coisifica o homem, distanciando-o de sua própria identidade. Trata-se, pois, de uma sociedade que busca no dinheiro certa liberdade, mas acaba se tornando refém dele.

2 LITERATURA E HUMANIZAÇÃO

A Literatura, como arte e instrumento de denúncia e de propagação de conhecimentos e ideologias, tem também uma importante contribuição na formação e humanização dos sujeitos. Segundo observa Candido (1999) quando pensamos no papel da literatura quase sempre atribuímos a ela um tipo de função psicológica. O autor analisa que a produção e fruição do texto literário geralmente estão pautadas numa espécie de necessidade universal de ficção e

de fantasia. Tal necessidade é coextensiva ao ser humano, aparecendo em sua vida individual e coativamente, ao lado da satisfação de suas necessidades mais básicas.

Sob a perspectiva acima, o homem enxerga na fantasia do texto literário uma meio de satisfação de sua necessidade de sonhar para além da vida ordinária e da realidade, por vezes difícil, que o cerca. Logo, pode-se dizer que a literatura não apenas ensina e problematiza temáticas de abrangência global e expressa o talento de seus autores, mas também promove ao sujeito uma autorreflexão sobre sua própria condição, seus anseios, temores, predileções e valores.

Acerca das inúmeras possibilidades através do texto literário, é importante lembrar que:

No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos (Cosson, 2021, p.17).

Em seu discurso Rildo Cosson descreve a multiplicidade de caminhos que a Literatura viabiliza ao leitor. Isto porque o texto literário produz em cada leitor uma experiência singular de sentidos, aprendizados e emoções que são acessados quando lido em sua profundidade. Ora, sob esta ótica, cada experiência de leitura é única, ainda que se trate do mesmo texto.

Neste sentido, é válido lembrar a tese defendida por Fabio Akcelrud Durão (2020) em sua obra *Metodologia de pesquisa em literatura* na qual o autor analisa que um texto só existe à medida que é lido e que, em seu estado de potência, é transformado em realidade através de um ato no qual o sujeito possui um papel ativo. Justamente, trata-se do ato de interpretar.

A interpretação, nesta ótica, não se confunde e limita com a decodificação, mas ultrapassa esta, pois se refere a uma capacidade de atribuir sentidos profundos ao que é lido. Neste processo, diversos discursos que constituem a

identidade e bagagem sociocultural do sujeito, também o influenciam, razão pela qual embora algumas especificidades de um texto literário sejam as mesmas para qualquer leitor, as impressões e sensações que tal texto podem causar, tendem a variar, pois cada pessoa o lê através também de uma perspectiva e formação ideológica.

Ora, também pelo homem ser constituído por vivências e conduzido por determinadas ideologias e princípios, a literatura também atua na reflexão sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre as condutas que os seres humanos têm em sociedade. Em razão disso, é perceptível que:

[...] as criações ficcionais e potéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar (Candido, 1972, p.05).

Diante disso, a literatura pode servir para sensibilizar o leitor sobre questões de interesse individual e coletivo fazendo-o olhar com calma e criticidade para seus conflitos, bem como para as desigualdades sociais e históricas, os preconceitos e os danos que estes causam às minorias sociais. Ainda, viabiliza pensar sobre a efemeridade da vida, o amor e tantos outros temas universais.

A arte literária, neste sentido, não apenas permite um diálogo entre passado e futuro, moderno e arcaico, história e cultura, mas também uma formação leitora mais humanizada e comprometida com o crescimento pessoal do leitor. Candido (2010) reforça, ainda, que o entendimento da obra literária requer a junção entre texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra. Com efeito, sabe-se ainda que o externo (o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que exerce certo papel na constituição estrutural, tornando-se interno.

Inegavelmente, o ser humano se constrói em sociedade e ao apreciar um texto literário, estabelece diálogos com outras ideias, outras perspectivas acerca de determinada temática. Desloca-se, pois, de sua individualidade para um espaço mais abrangente, ainda desconhecido, mas repleto de novas ideias, sentimentos e representações. Assim, o leitor é apresentado a esse universo novo a partir da perspectiva do autor, cuja obra também dialoga com outros discursos, outras formas de ver e expressar a vida em sua inteireza. Neste processo, ao

terminar a leitura, aquilo que leu e internalizou associa-se ao seu conhecimento prévio, expande-o e ressignifica-o.

Desta maneira, entende-se que o texto literário é importante para a formação de sujeitos sensíveis às questões humanísticas tanto num nível individual, quanto coletivo. Logo, a Literatura, que também pode assumir um caráter militante, artístico e mesmo documental de um determinado período sociohistórico mostra-se indispensável recurso a ser explorado e apreciado em sala de aula, sobretudo no intuito de despertar o prazer pela leitura dos diversos gêneros literários.

Nesta perspectiva, o estudo e apreciação aprofundados do texto literário tendem a favorecer o apreço pela literatura e uma compreensão mais abrangente desta uma vez que “[...] o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (Cosson, 2021, p.23). Em razão disso, sugere-se que a leitura cerrada destes textos deve ser prioridade no ensino ofertado pelos professores de Língua Portuguesa e Literaturas desde a Educação Básica.

3 AUTORREALIZAÇÃO E PODER DE COMPRA: A ALIENADA *SOCIEDADE DE A ÁRVORE QUE DAVA DINHEIRO*

Esta seção tem por finalidade apresentar uma análise do texto literário a partir, especialmente, do segundo capítulo da novela, denominado *As árvores*. A obra está estruturada em sete capítulos que abordam desde a sementeira das árvores até o fim da experiência dos felicenses com o dinheiro. O primeiro capítulo, pois, tem início com uma descrição de um velho morador de Felicidade, sendo este o proprietário das casas de diversos felicenses. Contudo, esse personagem teria ligação direta com a transformação da cidade, tendo em vista ter sido ele o responsável por entregar para o plantio as três sementes das árvores de dinheiro.

O segundo capítulo, denominado “*As árvores*”, marca o alvoreço dos personagens quando a cidade inteira percebe a existência da árvore de dinheiro. Como crianças com brinquedos novos, os homens e mulheres daquela sociedade passam a viver um estado constante de sonho:

[...] um assanhamento de gente andando para lá e para cá como não se via há muito tempo. Mas alguma coisa não estava certa: ninguém falava com ninguém, todo mundo de mãos nas costas e olho no chão, como se de repente amanhecessem filósofos e

andassem pensando. Pensando nisso, ela também olhou o chão e achou outra nota. O coração quase saiu pela boca; agachou, catou, enfiou nos peitos e não foi atrás do marido, virou filósofa também (Pellegrini, 2001, p.21-22).

É interessante atentar para o humor e a ironia do narrador, acentuados no fragmento acima apresentado. Neste, ele se refere ironicamente ao termo “filósofo”, de certo modo invertendo o sentido ao sugerir que os moradores da cidade se tornam filósofos ao direcionar a atenção e esforço unicamente para procurar e acumular dinheiro.

Felicidade é descrita como uma cidade encravada no meio dos morros, muito pacata, onde ainda não havia chegado a televisão. Pode-se presumir, pois, os desejos que os munícipes carregavam em seus corações de terem uma vida melhor e alcançarem condições financeiras de manter essa vida. Afinal, agora achavam dinheiro pelas ruas da cidade e se empenhavam em continuar procurando.

Com efeito, é importante sublinhar que:

Das coisas, esperamos menos que nos classifiquem em relação aos outros e mais que nos permitam ser mais independentes e mais móveis, sentir sensações, viver experiências, melhorar nossa qualidade de vida, conservar juventude e saúde. Naturalmente, as satisfações sociais diferenciais permanecem, mas quase já não são mais que uma motivação entre muitas outras, em um conjunto dominado pela busca das felicidades privadas (Lipovetsky, 2007, p.42).

Ao se depararem com a nova realidade, os personagens da novela passam a ver no dinheiro a ponte para o acesso aos bens que nunca puderam acessar. Além disso, se mostram inclinados a realizarem seus gostos, denotando a busca pela felicidade particular de cada um. Após um tempo, depois de encontradas inúmeras cédulas de dinheiro, os personagens descobrem, enfim, que se trata de uma árvore de dinheiro e a derrubam no intuito de plantar novas mudas. A partir deste ponto, começa a busca desenfreada pelo dinheiro e a competitividade em Felicidade:

A praça estava tomada por uma multidão, turbas que se juntavam e tornavam a se apertar em tropel, na lei de cada-um-por-si: gente se arranjava, rastejava, brigava; corriam, pulavam, gritavam disputando galhos de árvores! O padre tinha ajoelhado na escadaria

da igreja e rezava olhando para o céu com um ramo da árvore na mão, ao lado do coroinha olhando tudo tão arregalado que os olhos quase engoliam a boca. Velhos e moças, crianças e mulheres, até as grávidas, todas se engalfinhavam, disputando pedaços de galhos [...] (Pellegrini, 2001, p.24-25).

Uma árvore que produz dinheiro e novas possibilidades à frente da sociedade de Felicidade. Se antes o poder aquisitivo dos moradores era pouco ou insuficiente para regar seus sonhos, agora viam meios de expandir seus horizontes através do dinheiro. Conforme analisa Gianneti (2002), se é possível admitir, como indicam as evidências e o senso comum reforça, que a pessoa busca a sua felicidade e que a oportunidade de ser feliz é maior para quem está no topo da pirâmide de renda, logo a ação racional do indivíduo será buscar o meio apropriado para chegar lá. Tal pressuposto explica, naturalmente, a postura dos felicenses, que desmembram a árvore para plantar mudas em todos os espaços possíveis, almejando expandir sua riqueza.

Passado o período do plantio, diariamente as mudas cresciam, formando bosques nos jardins da pequena cidade. Em todos os lares, os munícipes arquitetavam sonhos esperando ansiosos pelo desabrochar das flores da prosperidade, uma vez que logo estariam ricos:

[...] — Então tá bom, dois banheiros. É que eu queria uma garagem... — Pra quê? A gente não tem carro! — Estou pensando em comprar um, usado. — Meu pai sempre disse que carro usado é bom pra quem gosta de oficina. — Então a gente compra um novo, pronto. — Por falar em comprar coisa nova... A mulher corria o olhar sobre os móveis. — ... que você acha de trocar essa velharia? (Pellegrini, 2001, p.29).

Aqui se observa o contraste entre o novo e o velho, entre o pobre e o rico. A ironia presente nos diálogos daqueles que antes não tinham as mínimas condições financeiras, mas, diante da promessa de ascensão econômica, passam a estabelecer padrões a serem alcançados, não se contentando mais com o que antes tinham. As velhas formas, os velhos hábitos, os bens que antes possuíam se tornam descartáveis. O crescimento do status econômico deslumbra os felicenses. A ilusão da riqueza, conforme destacado no excerto, muda suas posturas e discursos. A simples promessa do dinheiro — ainda no ideário — já lhes altera a forma como veem a vida ordinária e projetam seus passos. Nesse sentido, vê-se

que a autorrealização começa a tomar forma, mesmo antes da concretização dos projetos.

Lipovetsky (2007) enfatiza que, como era de se esperar, o dinheiro desponta como felicidade, ou, pelo menos, a esperança de alcançá-la. Assim, todos os caminhos para a felicidade passam por lojas, restaurantes, salões de massagem e outros locais em que se pode gastar dinheiro.

Na narrativa de Pellegrini, a partir do momento em que expandem seu poder aquisitivo, os personagens passam a consumir imoderadamente, fazendo a economia local sofrer uma abrupta transformação e o comércio alavancar. As árvores ainda cresciam, e o objetivo de adquirir tudo quanto pudessem já era imenso entre os moradores da cidade:

E assim os casais viajavam nas casas depois da janta; os moços pediam pelo Correio catálogos de excursões pelos sete mares; as moças pediam revistas de modas, folhetos de perfumes e de jóias. Velhos olhavam um canto da sala e apontavam o dedo rugoso: — A televisão vai ficar bem ali (Pellegrini, 2001, p. 30).

Observa-se que o consumo segue uma lógica subjetiva, pois revela as predileções de cada sujeito, conforme se pode ver no excerto acima. Lipovetsky (2007) corrobora essa ideia ao dizer que:

Revelo, ao menos parcialmente, quem eu sou, como indivíduo singular, pelo que compro, pelos objetos que povoam meu universo pessoal e familiar, pelos signos que combino “à minha maneira” [...] o consumo encarrega-se cada vez melhor de uma função identitária (Lipovetsky, 2007, p.44-45).

Nesta perspectiva, as primeiras atitudes dos personagens na novela em estudo são, justamente, dar vazão aos seus desejos mais íntimos através da aquisição dos mais diversificados bens. Além disso, passaram a se comportar como sagazes negociadores, o que pode ser visto no fragmento a seguir:

[...] lam perguntando uns aos outros, como quem não quer nada, que preço o compadre queria na chácara perto do rio; e, se fosse vender um dia, quanto a comadre ia pedir pela geladeira usada; ao que a comadre respondia que, dependendo de uns negócios em vista, quem sabe até desse de presente a geladeira velha... (Pellegrini, 2001, p.30).

Entre planos e a espera pelas flores de dinheiro, os moradores não perceberam quando as árvores alteraram a rotina de seus dias, bem como suas

próprias dinâmicas de vida. Passaram a viver uma obsessão esperando a concretização dos seus objetivos a partir do dinheiro que teriam das mudas plantadas. Com efeito, o que antes parecia um movimento natural de enriquecimento da sociedade em Felicidade, passou a alterar a rota de suas vidas, visto que passaram a depender demasiadamente do poder aquisitivo. Com isso:

Gente começou a faltar no emprego. Um belo dia, um bar amanheceu de porta fechada. Depois, a sapataria. Um dos armazéns. Nos quintais, as árvores já se roçavam; e na sombra delas foram murchando laranjeiras e limoeiros, hortas e caramanchões (Pellegrini, 2001, p.31).

Para que a vida nova fosse possível, era preciso abrir espaço para seu desabrochar. No trecho acima, vê-se que o crescimento das árvores de dinheiro acabou por destruir outras espécies, inclusive frutíferas. O dinheiro tornara-se mais importante que os frutos que tinham em seus jardins. Assim, o olhar do narrador parece sugerir que, para a expansão da sociedade capitalista, é preciso que ocorra a alienação dos sujeitos que a formam, de modo que passem a buscar o dinheiro acima de quaisquer coisas.

Esse movimento e inclinação pelo consumo são naturais na sociedade de consumidores. De acordo com Lipovetsky (2007), à medida que as nossas sociedades enriquecem, manifestam-se incessantemente novas vontades de consumir. Quanto mais se consome, mais se deseja consumir: a época da abundância é inseparável de um alargamento indefinido da esfera de satisfações almejadas, bem como de uma incapacidade de satisfazer os apetites de consumo, sendo toda saturação de uma necessidade atrelada imediatamente a novas procuras.

E, assim, Felicidade parece estagnar um instante no tempo à espera do dia em que o dinheiro vai surgir abundantemente. Finalmente, este dia chega e a alegria e a euforia entram em evidência na comunidade local. Os comerciantes locais, com receio de perder freguesia para outras cidades, passaram a estocar os mais diversos itens e, com isso, se endividaram. Agora já não pensavam em como pagariam as dívidas, pois a promessa de riqueza estava diante deles, em seus jardins. Neste período:

[...] Esperando novidades, quem estava noivo achou melhor esperar mais uns tempos antes de casar. Quem estava doente esqueceu a doença, porque logo poderia se tratar. Quem tinha inveja esqueceu, porque logo ia ter tudo que quisesse; e quem

tinha ódio começou a perdoar: não tinham mais tempo nem para odiar (Pellegrini, 2001, p.32).

O fragmento acima ressalta a esperança e o sentimento de prosperidade que abraçaram os felicenses com a descoberta das árvores de dinheiro. Se, por um lado, essa descoberta lhes trouxe a obsessão pela riqueza, por outro, deu-lhes alegria e uma visão de futuro que lhes trouxe grande expectativa de expandir sua qualidade de vida. Passaram, pois, a manter o foco nas suas metas, deixando, até mesmo, a inveja de lado. E assim “— Quem nunca teve nada... — disse o bêbado ao açougueiro — quem nunca teve nada compra até desentortador de banana.” (Pellegrini, 2001, p.32). No discurso do bêbado, exemplificado no fragmento, o narrador se utiliza da ironia e humor para exemplificar a influência do dinheiro naquele momento da comunidade local.

Desta maneira, o impacto inicial das árvores de dinheiro, relatado nos dois primeiros capítulos da obra, denota euforia e esperança dos personagens pelo súbito aumento de renda que viria a seguir. Ainda nesses dois capítulos, vê-se que já se delineia um perfil de sociedade hedonista e fortemente atrelada ao consumismo, tendo em vista que os felicenses poderão, a partir de então, comprar e ter acesso a tudo que anteriormente não poderiam. Logo, o poder aquisitivo aumenta e, com ele, é alterado o *modus vivendi* dos personagens, que, com a maior renda, passam a arquitetar ambições até então impossíveis de serem planejadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada, em viés da teoria literária marxista considerou aspectos socioeconômicos e humanos retratados na narrativa. Logo, neste trabalho, teve-se como principal intencionalidade estabelecer uma relação entre a obra literária e a formação do sujeito através da discussão sobre o processo de alienação social.

Constatou-se que o aumento do poder de compra e, por conseguinte, o maior acesso ao dinheiro, transformou a modesta e pacata sociedade de Felicidade em uma sociedade alienada pelo impacto do capitalismo. O consumo imoderado em decorrência do inesperado progresso pelo dinheiro são os principais elementos presentes na narrativa que comprovam e ilustram a alienação. No entanto, a novela sugere uma crítica à relação entre dinheiro e felicidade ou

autorrealização, visto que o dinheiro não propicia a plena satisfação e felicidade humanas, mas momentos felizes que são efêmeros em razão da incompletude e insatisfação inatas ao homem hedonista.

Ao analisar o capítulo 2 da novela em estudo, veem-se as contradições humanas frente ao dinheiro. Um exemplo disso é quando os felicenses se deparam com o fato de que uma árvore está produzindo notas de dinheiro verdadeiro. No entanto, o impulso — até mesmo animalesco — de ganância e desejo de possuir os leva a despedaçar a única árvore para plantar mais mudas. Assim também ocorre na sociedade que se desenvolve sob o jugo do capitalismo, visto que é inculcado na mente dos seus membros que o dinheiro nunca é bastante, é preciso ter sempre mais.

Analisamos, ainda no mesmo capítulo, que Pellegrini satiriza e reflete na tessitura narrativa o contexto político e econômico da época em que a novela foi publicada, na década de 80 do século XX. Sabemos que esse foi um momento crítico na história política e econômica do Brasil, de modo que a década de 1980 recebeu o rótulo de “A década perdida”, devido aos entraves econômicos ocorridos no Brasil e em toda América Latina, os quais acarretaram uma hiperinflação.

Além disso, sabe-se que o país ainda estava sob o rigor da Ditadura Militar, a qual durou de 1964 a 1985 e foi também responsável pelo aumento da dívida externa, ampliando assim a crise na economia. Ora, é no mínimo irônico que Pellegrini publique, neste cenário, uma obra que, com viés popular e fantástico, evidencia a utopia de uma árvore que produz dinheiro, alavancando a vida dos moradores da cidade e lhes dando a promessa de dias mais prósperos e felizes.

Percebeu-se, na análise exposta no capítulo 2, que a modernidade reduziu homens e mulheres, objetificando-os, como meras reproduções mecânicas. Ora, o progresso iluminista expandiu os mais diversos âmbitos das ciências, mas a civilização ocidental, onde prevalece o capitalismo, parece ter sido prejudicada, do ponto de vista de sua emancipação ante esse progresso, tornando-se escrava do dinheiro, atribuindo a ele, quase sempre, a sua noção de vida feliz e bem-sucedida. Os personagens de Felicidade representam bem essa dinâmica, deixando a vida pacata, com condições mínimas de poder de compra e passando a viver em função do dinheiro e da urgente e desenfreada busca por acumular e adquirir mais capital.

Ao fazer uma abordagem e representação do sistema capitalista e da alienação dos sujeitos pelo capital, a novela estudada propicia ao leitor uma reflexão sobre a condição humana frente ao desejo de prosperidade e ascensão

econômica, social e cultural através do dinheiro. Além disso, a obra também problematiza as questões em torno da felicidade, um ideal comum ao ser humano, mostrando como na modernidade o consumismo é um fenômeno que está intrinsecamente arraigado para muitos ao prazer e autorrealização.

Deste modo, conclui-se que se o texto é sensível às questões sociais atuais, tratando de forma irônica de temáticas polêmicas, atemporais e necessárias que se mostram interessantes para explorar a formação leitora e o letramento dos leitores bem como para a sua humanização.

Espera-se que este estudo contribua para a divulgação da obra de Domingos Pellegrini e, inclusive, para a leitura do texto literário e sua apreciação na escola e universidade, considerando-se a importância social, política e cultural dos textos do referido autor no âmbito da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de males, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. **O direito à literatura**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: contexto, 2021.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

FROMM, Erich. **O Conceito Marxista do Homem**. 8ª Edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

GIANETTI, Eduardo. **Felicidade**. Diálogos sobre o bem-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. Ensaio sobre a sociedade de Hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARCUSE, Herbert. **Idéias Para Uma Teoria Crítica da Sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica e economia política. Livro I: processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINOIS, Georges. **A idade de ouro**: história da busca da felicidade. Tradução Christiane Fonseca Gradvohl Colas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PELLEGRINI, Domingos. **A árvore que dava dinheiro**. São Paulo: Ática, 2001.